

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA

JOSÉ NASCIMENTO – NEM VERDADE, NEM MENTIRA

11 de Outubro de 2024

RÁDIO MACAU: SEIS VIDEOCLIPS / 2008

Realização: José Nascimento (Portugal, 2008) *Com:* Rádio Macau *Cópia:* DCP, cor e preto-e-branco, temas musicais cantados em português, 25 minutos *Primeira apresentação na Cinemateca.*

RÁDIO RELÂMPAGO / 2002

Realização, Adaptação: José Nascimento *Argumento:* Nuno Markl *Fotografia:* Rui Poças *Som:* Pedro Melo *Montagem:* Andreia Bertini *Música:* Alexandre Soares *Decoração:* Decoração: Nuno Gabriel de Mello *Guarda Roupa:* Lucha d'Orey *Assistentes de realização:* Pedro M. Ruivo, Cesário Monteiro *Assistente de decoração:* Rita Godinho *Montagem de som:* Tiago Lopes *Efeitos sonoros:* Filipe Kacl *Misturas:* Branko Neskov *Interpretação:* Carlos Afonso (André), Rui Morisson (Fernando), Sofia Aparício (Mariana Saavedra – dobrada por Sónia Tavares nas canções das Guerreiras Carmesim), Bruno Bravo (Carlos Martins, Iron Maiden), Ana Zanatti (Amélia), Nuno Melo (Guilherme), José Raposo (Manábulas), Rita Só (Silvia), Gracinda Nave (Marta), Susana Branco (jovem *punk New Wave*), Cândido Ferreira (homem 1), João Saboga (homem 2), Guilherme Duarte (Vitor), Sara de Castro (Rosa Árida, Guerrilheira Carmesim), Susana Vidal (Guerrilheira Carmesim), João Galante (jovem alucinado), João Garcia Miguel (diretor da prisão), Francisco Costa (dono da tasca), Tiago Cruz (técnico da Relâmpago), Gonçalo Portela (cantor de intervenção), Leonor Seixas (jovem multimédia), Andreza (empregada da loja de noivas), Lanita Monteiro (vizinha dos cães), Nuno Ferreira (jovem contestatário), João Monteiro (Luís), Sandra Barata (Sónia), Duarte Castro Moreira (André em bebé), Francisco Corte-Real (André em adolescente).

Produção: Clap Filmes, RTP (Portugal, 2008) *Produtor:* Paulo Branco *Direção de produção:* Joana Ferreira *Chefe de produção:* Jaime Filipe *Título alternativo:* FM – Relâmpago *Cópia:* vídeo betacam digital, cor, falada em português, 83 minutos *Primeira apresentação (televisiva):* 28 de Maio de 2003, na RTP 1 *Primeira apresentação na Cinemateca.*

seis videoclips e um telefilme de José Nascimento

com a presença de José Nascimento e Rui Poças

E assim mais um dia para esquecer
desfiadas horas sem pensar
faltei a quanto tinha para fazer
com um prazer secreto de faltar
amanhã talvez seja a valer
hoje é a brincar
da letra de *Hoje é a Brincar* dos Rádio Macau

O Rapaz do Trapézio Voador, o álbum de 1989 de capa branca, silhuetas a negro dos músicos, conta na faixa sete com *Hoje é a Brincar*: é a canção dos Rádio Macau que se ouve na Rádio Relâmpago, a rádio de ficção do filme homónimo de José Nascimento. O tema é dos mais reconhecíveis da banda que, com a voz de Xana, se estreou nesses anos 1980 de *É Sempre Longe Demais* (do mesmo álbum), *Há Dias Assim (Spleen)*, *Um Dia a Mais* ou a versão deles de *No Comboio Descendente* de Zeca Afonso (do álbum inicial de 1984). Ou ainda de *O Anzol*, *O Elevador da Glória*, etc., etc. O primeiro álbum teve o nome da banda; o primeiro concerto chamou-se "A Noite". São sempre bons, os títulos dos Rádio Macau, que tiveram uma primeira vida entre o início dos anos 80 e 1993 e regressaram em 1998, quando Xana, Flak, Alex, Luís Filipe Valentim, Beto Garcia voltaram a juntar-se. De 2008, *8* (iPlay) desfia, entre outros temas, *Astronauta*, *Entre as Memórias e o Sonho*, *Este Macau que Não Dorme*, *Quando Entro nos Teus Olhos*, *Por Linhas Tortas*, *A Morte Elegante*. Com eles abre a sessão, projectando no ecrã da Cinemateca seis dos oito videoclips – e três faixas adicionais – realizados por José Nascimento, canção a canção, para o álbum-filme editado em formato CD-DVD. Era uma forma pioneira de lançar um álbum, como avança a nota do programa. Na visão de Nascimento, a explosão de cores casa com as melodias, as letras, a vibração dos Rádio Macau numa espécie de disco-concerto que, para o cineasta fluente

na gramática do 16 e do 35 mm, terá sido uma experiência de trabalho com as então recentes câmaras digitais. Além do gosto evidente pela música, as canções, a possibilidade de as filmar assim, miniaturas pop. Ótimo momento desta retrospectiva “Nem verdade nem mentira”, segundo a fórmula de Reinaldo Ferreira na revisitação anos 1920 de *Repórter X* (1986).

Poucos anos antes dos telediscos dos Rádio Macau, realizado em vídeo para televisão, *Rádio Relâmpago* é outro mergulho nos anos 1980, a partir de Lisboa, das canções, das bandas, da realidade das rádios-piratas, também conhecidas na altura como rádios livres. A bem dizer, o filme é construído em *flashback*, uma história contada pelo protagonista-narrador aos camaradas de desventura presidiária num momento de despedida. Um conto no cárcere, com canções. Para José Nascimento coincidiu com o momento de experimentar o vídeo na ficção. Conta-o ele, na entrevista dada ao Ricardo Vieira Lisboa a publicar no catálogo que está a ser preparado em articulação com a retrospectiva:

“Contrariamente à maioria parte dos meus colegas cineastas, que tinham uma repulsa enorme em relação ao vídeo, achei que o vídeo só podia trazer coisas boas, especialmente quando aplicado a pequenos filmes, a documentários, a curtas-metragens e à escola de cinema. Não só porque permitia rodagens sem grande aparato técnico, como reduzia muito substancialmente os orçamentos. Portanto, a integração do vídeo no meu percurso é muito semelhante à minha integração dos sistemas de montagem digital. Não te sei dizer se foi através da montagem que cheguei à filmagem em vídeo ou se foi no outro sentido, mas são processos que interagem entre si. Lembro-me que quando montei o primeiro filme em Avid, a previsualização apresentava uns pixels gigantes, mas permitia construir um esboço muito rapidamente e com muita facilidade. Dava para ficar com uma ideia, em muito pouco tempo, do que seria a estrutura do filme de uma ponta a outra, só alinhando o material, cena a cena. A partir daí dava para repensar a montagem em pormenor. Partia-se de uma ideia geral já bastante sólida.”

A génese de *Rádio Relâmpago*, no qual há um *film on film*, ou melhor, um *videoclip on film* (da banda de ficção Guerrilheiras Carmesim, de que é vocalista a personagem de Mariana Savedra interpretada por Sofia Aparício com a voz de Sara Tavares), está ligada a projectos de – designação da época – produção audiovisual, mais concretamente a uma versão de argumento escrita por Nuno Markl (intitulada *FM*), à produção de um telefilme por Paulo Branco. Terá sido sua a proposta de realização a José Nascimento que daí partiu, encontrando no ambiente radiofónico-musical do (tele)filme uma ligação directa com os seus motivos. Por um lado, evoca-se o fenómeno radiofónico que marcou a realidade portuguesa, grosso modo nos anos 1980, com a ocupação livre – de licenças e formalidades – das ondas de rádio num movimento de crescimento rápido e escala alargada em território nacional... até que “perante a situação caótica da radiodifusão” o Estado interveio, legislando em 1989. Por outro, aproveitando a deixa, *Rádio Relâmpago* faz uso de um repertório de canções que transportam só por si os anos 1980-90 portugueses: Xutos & Pontapés (*Contentores*), Heróis do Mar (*Paixão*), Rodrigo Leão (*Pasión*), Jorge Palma (*O Bairro do Amor*) e GNR, Sérgio Godinho, Zeca Afonso...

Passam na Rádio Relâmpago e são a banda sonora do filme, que começa em *trompe l’oeil* sobre uma mesa de bilhar antes de o plano aéreo descobrir o espaço da prisão, onde arranca o *flashback*. O argumento centra-se num rapaz que faz renascer uma estação-pirata na sala de estar caseira, com um radialista mais velho, contra o ar estabelecido dos tempos pós-pirata que corriam desengraçados. “Onde é que se clica para a alma?” pergunta a personagem de Rui Morisson, o locutor mais velho, à de Carlos Afonso, o jovem locutor apaixonado pela imagem e a voz da Guerrilheira Carmesim Mariana entretanto desaparecida. Há muitas personagens para muitos actores, uma intriga romanesca, o cenário central da rádio-pirata construído “num barracão abandonado em Almada, mesmo junto ao rio, na zona de Cacilhas” – conta Nascimento –, a ideia-mestra de uma decepção geracional que opõe à rebeldia juvenil uma conformidade parda e triste (ou uma vela de aromaterapia, numa das tiradas com recomendável sentido de humor dos diálogos), raparigas e pistolas, um final esperançoso salvo por um sentido de comunidade de cinema. E as canções.